

REINVENÇÕES DO CORPO ARTÍSTICO NA PANDEMIA: CONVERSAS SOBRE A RELAÇÃO CORPO-JOVEM E OS ESPAÇOS QUE ELE HABITA

Ingrid Peixoto Dias¹
Luisa Miranda Soares²

Resumo: Este artigo aborda reflexões sobre percepções de corpos jovens artísticos durante o ainda presente período da pandemia da Covid-19. Por meio de conversas e vivências, as duas jovens autoras buscam pensar e discutir como se dá a presença destes corpos inseridos em aulas virtuais voltadas para as artes cênicas. Procuram também refletir sobre quais as mudanças que o isolamento vem gerando nas formas de sentir e de se perceber nos espaços e onde estão as possibilidades de manutenção das nossas redes de conhecimento, apoio e afetos. Movidas por estímulos de experiências em um projeto artístico-pedagógico e afetadas diretamente pela brusca transição da convivência artística em coletivo na rua para o fazer arte à distância, decidimos nos debruçar sobre nossas inquietações a fim de compartilhá-las, na tentativa de encontrar nas pequenezas das brechas, focos de esperanças em meio à um momento tão difícil.

Palavras-chave: corpo, juventude, espaço virtual, artes cênicas.

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
(E vamos à luta, Gonzaguinha)*

Completados doze meses desde a chegada da pandemia da Covid-19 no Brasil, fomos provocadas pela nossa coordenadora e professora do Projeto Teatro Nômade a aceitar o desafio de escrever este artigo para compartilhar reflexões sobre nossas experiências artísticas. Em especial, sobre caminhos trilhados pelo Nômade e como nós, integrantes deste, percebemos, sentimos e vivemos as transformações impostas pela necessidade de isolamento social trazida pela doença. Criado no final de 2016, nosso projeto é uma iniciativa artístico-educativa que oferece aulas e apresentações de teatro

¹ Estudante de Graduação na Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ingrid.peixoto.dias@gmail.com

² Estudante de Graduação na Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). mssluisa@outlook.com

gratuitamente em espaços públicos do Rio de Janeiro: ruas, praças, escolas, bibliotecas, universidades e outros são palco e sala de aula para nós.

Como jovens artistas-professoras em formação redigindo e pensando este artigo a partir das trocas das conversas, compreendemos a possibilidade de estarmos em constante reorganização crítica de nossos posicionamentos e corpos diante do mundo. Seguindo em frente e segurando rojão sem fazer morada na saudade, como nos traz Gonzaguinha, entendemos que a perspectiva esperançosa de mudança é necessária à prática de construção dos saberes (FREIRE, 2015). Assim, tentamos, ainda em dias de desesperança, buscar as brechas que nos permitem construção de vidas e vontades de vivê-las.

Ao falar de juventude, destacamos a importância do coletivo e das relações de pertencimento como um fator essencial para a construção da identidade. O sentir-se pertencente e aceito pode custar muito caro, já que, muitas vezes, não somos vistos como indivíduos íntegros. De acordo com Juarez Dayrell, os jovens são vistos como sujeitos à “vir a ser”, ou seja sujeitos em preparação para tornar-se algo, desvalorizando os momentos presentes e deslegitimando a inteireza da juventude.

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. [...] o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. (DAYRELL, p. 42)

A prática teatral esteve presente ao longo da maior parte do nosso processo educacional e a entendemos como um dos pilares da construção da nossa subjetividade (BARBALHO e GARCÍA, 2016), de modo que a incorporamos à nossa identidade: jovens artistas de 21 anos. A partir desse lugar, compreendemos a importância das trocas e conversas que nos atravessam diariamente para a construção e reconstrução de si e aqui cabe a pergunta: não seríamos, então, eternamente jovens? Já que viver é eternamente trocar e conversar? Como Dayrell traz na reflexão acima, existe uma diversidade de modos de ser jovem e, em vista disso, compreendendo-nos assim como diferentes, traremos vivências e conversas individuais que dialogam entre si para a construção deste texto.

Antes de adentrar os caminhos e labirintos percorridos pelos corpos, ressalta-se que este texto tem como base as *conversas cotidianas*, uma vez que estas constituem espaços de trocas, construção, problematização e reconstrução de pensamentos.

Não se trata só de multiplicar as possibilidades metodológicas existentes nas metodologias canônicas para fazer caber a conversa, mas de reconhecer que os instrumentos existentes não permitem que a diferença produzida no encontro, o fluxo permanente de sentido, se constitua como um percurso válido de pesquisa. (SUSSEKIND, 2018, p. 154)

Na perspectiva freireana, somos seres inacabados e, conscientes desse inacabamento (FREIRE, 2015), a reorganização e adaptação geradas pelos novos estímulos que nos chegam diariamente se mostram fundamentais para a manutenção da *esperança* de que existe sempre a possibilidade de mudança. E foi nas conversas que encontramos a possibilidade de entregarmos nossas certezas à outra, na certeza de que talvez elas não sejam assim tão certas de si, afinal "uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos das nossas certezas" (FREIRE, 2015, p. 29).

Na busca pelo *que* trazer no presente artigo – ou artigo presente³ – resolvemos conversar com imagens⁴ dos últimos quatro anos de atuação do Projeto Teatro Nômade. Ao traçar reflexões a partir das conversas que emergiram e de tantas outras que nos atravessam e nas quais nos inserimos diariamente, surgiram questionamentos sobre corpos, espaços e interferências. Como nossos corpos individuais compõem coletivos na rua? Como nossos corpos individuais reorganizam a dinâmica urbana carioca? Como nossos corpos individuais preenchem imagens em telas? Que corpos são esses? Como se dá a transição da manifestação teatral que habita a rua para o teatro que ousa habitar o espaço virtual? É teatro? É audiovisual?

Ao longo do texto, convicções se transformam e ideias se constroem, a partir das conversas, das interferências que ocorrem, das trocas que surgem nos cotidianos. E os cotidianos não param, mesmo enquanto estamos escrevendo.

³ O trocadilho surge pela percepção de uma das autoras de que fomos *presenteadas* pela reaproximação a partir da proposta de refletir e escrever juntas em meio ao período de isolamento.

⁴ Para dar início a escrita, selecionamos 12 imagens e conversamos com/sobre elas por meio de vídeochamada, mas optamos por não trazer as imagens e apenas utilizá-las de mote para a escrita, por entender que elas nos trouxeram reflexões fundamentais para o artigo, mas não se mostravam parte central delas.

*Vou mostrando como sou e vou sendo como posso, jogando o meu corpo no mundo*⁵

Enquanto mulheres, a rua não se mostra um espaço confortável na maior parte do tempo. A rua, por diversas razões, representa lugar de perigo, e a noite especialmente não é convidativa, exceto, por vezes, quando nos sentimos amparadas e protegidas pelo coletivo. Para uma das autoras, que passou seu Ensino Médio atuando na Frente de Mulheres do Colégio Pedro II⁶, ser mulher esteve por muito tempo associado à construção da “educação e dos costumes”, aquilo que nos é ensinado desde pequenas, o nosso comportamento, a nossa feminilidade, o se encolher e recuar, o viver na sombra do medo, que é como nos sentimos ao andar na rua a noite. É sob esse “fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular” (BEAUVOIR, 2016, introdução).

Entretanto, como pretendemos narrar vivências entendendo as conversas como parte da escrita e da narrativa, cabe colocar que, após a escrita desse parágrafo sobre ser mulher, uma das autoras do texto conversou com a sua companheira, que trouxe questionamentos muito pertinentes sobre a questão da socialização. Afinal, que socialização é essa? As socializações são iguais nos diferentes lugares? E a sociabilidade, onde entra? Onde se encaixam, então, as pessoas que se autodeterminam, e em tese, tiveram educações e costumes de gênero diferentes daquilo que hoje se reconhecem? Será o “fundo comum” tão comum assim?

Esse texto não se propõe a desenvolver essas respostas ou aprofundar esses questionamentos, mas deixamos registrado o início de um possível encerramento de um ciclo de certezas, o que ratifica as conversas como lugar de reorganização de si e do outro.

No contexto de jovens-mulheres, o Projeto Teatro Nômade foi modificando a relação com o espaço da *rua* e todos os sentimentos por ela despertados. É importante frisar que ao trazer a palavra *rua* estaremos falando das ruas da Zona Sul do Rio de

⁵ NOVOS BAIANOS. Mistério do Planeta. Rio de Janeiro: Som Livre, 1972.

⁶ Fundado em 2 de dezembro de 1837, o Colégio Pedro II é uma das mais tradicionais instituições públicas federais de ensino básico do Brasil. A Frente de Mulheres era um coletivo ligado ao grêmio da época em que as alunas se encontravam uma vez por semana para conversar sobre as opressões de gênero vividas dentro e fora da escola. Organizavam eventos como rodas de denúncia, intervenções e rodas de conversa.

Janeiro, considerada uma das partes da cidade onde mais se concentram famílias de classe média e alta⁷. No primeiro ano de atividades do Nômade, 2017, os espaços das bibliotecas públicas que acolheram o andamento das aulas fechavam cedo, o que não abrangia as turmas de Ensino Médio que, na época, precisavam do horário noturno para as aulas. Ambas as autoras eram alunas nesta situação, e a saída encontrada foi utilizar o espaço da Praça General Leandro, na Rua Lauro Muller, localizada em Botafogo. Desse modo, começamos a nos permitir sermos expostas em uma praça pública para fazer aulas de teatro, carregando o medo do desconhecido e a euforia do diferente.

Consideramos que os estudos do corpo influenciaram os estudos urbanos e que o corpo e cidade se configuram mutuamente, ou seja, que além de os corpos ficarem inscritos e contribuírem para a formulação do traçado de cidades, as memórias das cidades também ficam inscritas e contribuem para a configuração de nossos corpos. (BRITTO e JACQUES, p. 341)

Assim começa a modificação da nossa percepção corporal sobre a cidade. Até então, como indivíduos-mulheres passando pelas ruas, tínhamos impressões da cidade nos corpos carregados de olhares misóginos. Como em um dia, em que uma das autoras saltou do ônibus em Copacabana depois da escola por volta das 20h e um homem pregou seu olhar sob seu corpo invadindo-o completamente, e logo em seguida sibilou “gostosa”. Com a energia e coragem de uma jovem de 16 anos, xingou-o e começou a ser perseguida: sentiu a necessidade de correr duas vezes a quadra para que ele não soubesse onde morava. Essa experiência ficou impressa na sua memória corporal como uma vivência passada na cidade. O corpo é um lugar de memória. É no corpo que sua relação com os lugares vai sendo construída, ao mesmo tempo em que sua visão de mundo vai se estabelecendo, mesmo que, às vezes, de forma violenta através das experiências que ficam marcadas no corpo (BRITO, 2018).

A percepção do nosso corpo na rua enquanto jovens-mulheres-artistas inseridas no coletivo atribuíram à cidade, à praça e à rua outras características para além da misoginia e do medo. A segurança do coletivo e a arte deram lugar a novas experiências impressas nos corpos, que talvez já estivessem ali antes, mas nunca houve antes espaço para serem enxergadas. Existem várias maneiras de nos construirmos, sendo uma delas o fato de sermos privadas de desenvolvermos nossas potencialidades, nos construindo

⁷ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/13/rio-esta-entre-as-10-metropoles-mais-desiguais-do-mundo-diz-estudo-da-casa-fluminense.ghtml>

nas especificidades do que está disposto ao nosso alcance (DAYRELL, 2003). Ao trazer uma situação na qual uma de nós estava sozinha e dizermos que o teatro de rua abriu espaço para que novas experiências ficassem impressas nos corpos, talvez seja sobre isso: o olhar estava restrito ao medo. Isso nos privou de explorar as potencialidades da rua como local de manifestação teatral e desenvolvimento de si. Assim, tivemos a possibilidade de ampliar, em conjunto com a professora, as aulas, as amizades, companhias e tudo o que somado compõe o coletivo, o desdobramento e a descoberta de que não somos só medo. E a cidade não é só perigo.

*Perdi o juízo, Brasil à sós desde março, não sei mais o que faço para abrir uns espaços*⁸

Eis que estávamos nessa busca constante e crescente pela expansão do leque de espaços da cidade do Rio de Janeiro alcançados pelas artes e corpos do Projeto Teatro Nômade quando, na sexta-feira 13 de março de 2020, chegaram os primeiros decretos - a níveis estadual e municipal - determinando o isolamento social em função da pandemia da Covid-19 no estado. Para o domingo, dia 15, estava marcada uma apresentação nossa em uma praça da Zona Norte da cidade, no bairro de Marechal Hermes. Foi devidamente adiada, afinal, teatro também é cuidado coletivo, principalmente na rua.

A mais chorona das autoras escreve estas palavras de dentro do quarto que vem servindo de abrigo ao longo do último ano, sem previsão de poder voltar a contar com a rua para acolhimento. Enquanto isso, jovens em alguma casa da vizinhança se aglomeram em festa (importante frisar que a festa ocorre em um bairro de classe média alta) - e fazem questão de anunciá-la com vozes altas e garrafas caindo, em meio às novas restrições de controle da doença impostas no mês de março seguinte àquele que adiou indefinidamente nossa temporada de apresentações. Poderia ter continuado a escrita sem citar a festa vizinha, mas a pandemia, aqui, evidencia cada vez mais a necessidade de *alinarmos nossos quereres às nossas vivências e práticas cotidianas*, pensando que

⁸ LINHARES, Juliana. Perdendo o Juízo. Natal, 2020.

Se de um lado temos a integração dos sistemas vivos, a conexão entre as dimensões materiais e imateriais e a ética ancestral, do outro lado está a separação e a hierarquização Deus/Estado, humanos/herdeiros de Deus e natureza/recursos a serem transformados em prol do desenvolvimento humano.

[...] inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. (RUFINO e SIMAS, p. 6)

Simas e Rufino nos trazem a noção de encantamento também como busca por reconstrução e recuperação do respeito pela vida, em todas as suas formas, ciclos e dinâmicas. Os jovens que ali festejam muito falam sobre conexões interpessoais, mas o ato de reunir mais de quinze pessoas sob o mesmo teto no momento de maiores índices de mortes diárias pela Covid-19 no país⁹ parece à mim, Luisa, extremamente desconectado de qualquer perspectiva de coletividade e interessoalidade.

Externada a frustração gerada pelas insistentes incoerências humanas e na alegria de poder contar com a raiva como ímpeto para a reflexão crítica (FREIRE, 2015), voltemos um pouco no tempo. Quando se tornou claro que as restrições aos contatos interpessoais durariam mais que as duas semanas propostas inicialmente, mas ainda na perspectiva de que em uns três, ou no máximo seis meses estaríamos fora dessa vida pandêmica, muitos educadores e educadoras das artes se propuseram a experimentar o modelo *online* de aulas. As redes sociais foram ocupadas por divulgações de aulas de dança, circo, teatro, canto, artes plásticas, pinturas e outras tantas manifestações artísticas que ocupavam espaços físicos e presenciais até essa brusca ruptura.

Uma das autoras fez aulas *online* de duas modalidades de dança entre os meses de maio e novembro de 2020: Dança Contemporânea Intuitiva e Dancehall, ambas oferecidas pelo Espaço Triartis, cuja sede fica no bairro do Leme, Zona Sul do RJ. A primeira tinha como proposta uma jornada de autoconhecimento por meio da dança, ou seja, a parte técnica de passos e composição coreográfica não ocupava o primeiro plano da aula, os movimentos explorados eram os que emergiam de dentro de cada uma das mulheres ali presentes - a aula não era direcionada apenas às mulheres, a turma formou-se organicamente com essa configuração. Em diversos momentos ao longo dos encontros, foi trazido por alunas e pela própria professora, a dançarina, educadora e

⁹ No dia 31 de março de 2021, o Brasil registrou 3.869 mortes pela doença. A média móvel de mortes, que contabiliza os últimos 14 dias, ultrapassou o número de 3.000 mortes diárias.

terapeuta Clara Franciss, que tal movimento de auto-observação expansivo para a dança talvez só pudesse acontecer com tamanha profundidade no exato formato que estava ocorrendo, o virtual, tendo cada uma seu espaço individual - nos limites da convivência de cada casa - garantido.

Experimentar dentro de casa aulas de movimentação corporal e interação nos meses seguintes ao início da pandemia, como o teatro e diferentes estilos de dança, exigiu que elementos compositores destas artes, até então seu lugar habitual, fossem modificados. Por exemplo, estar fisicamente rodeada por outros corpos, que conforme o andamento da aula entram em sincronia (ou não), ou a possibilidade de olhar para uma pessoa ao lado e acompanhar os passos e movimentações a partir do corpo dela, ou estar literalmente ao lado do processo de aprendizagem da/o outra/o são partes que se mostravam disponíveis como regra para corpos de certa forma habituados à tais movimentações e precisaram dar espaço à outras percepções quando adentraram o espaço virtual.

Voltemos à rua, por um instante, para pensarmos sobre as *interferências*:

A rua, como espaço de convivência, permite que o cidadão desfrute de um anonimato que o libera do peso do compromisso pessoal. No espaço aberto da rua e em comunidade, o sujeito urbano se sente mais capaz de atuar. Esse é um comportamento que facilita que na rua exista uma predisposição para o jogo e a participação espontânea. Participação espontânea se refere aqui não necessariamente a uma inclusão do público na cena, mas na disponibilidade de se relacionar de múltiplas formas com o espetáculo, aceitando a invasão do espaço coletivo. (CARREIRA, p.145)

Estar na rua fazendo teatro com os corpos em coletivo do Projeto Teatro Nômade, ao longo dos anos de 2017 ao início de 2020, trouxe uma compreensão crescente, a partir da prática, de que o teatro de rua transforma o espaço de passagem em palco para qualquer acontecimento, transeunte e manifestação de vida. Ainda, todas as disponibilidades - e indisponibilidades - entram em relação e se tornam parte da construção da arte ali presente, como no dia em que estávamos ensaiando para uma peça e, num momento em que vários integrantes do grupo amontoavam seus corpos no chão, um homem alcoolizado entrou no meio da cena e deitou no chão também, se juntando àquilo que estávamos fazendo. Ou o dia em que uma moradora da vizinhança da praça que utilizávamos para as aulas, parou o exercício físico que estava fazendo para pedir pela diminuição do barulho gerado e perguntou do que se tratava a movimentação. A

diretora da peça e professora da turma, Luísa Reis, explicou que estava sendo ensaiada uma peça de teatro, e tivemos como resposta a afirmação: isso não é um teatro¹⁰. Estas podem ser consideradas interferências que o fazer teatro fora da caixa ou do espaço vazio (BROOK, 2000) envolvem, a interação constante com os acontecimentos cotidianos da cidade.

Chamamos a atenção para a palavra *interferências* pela presença forte desta no ambiente virtual. A segunda experiência de dança encontrou maiores dificuldades por e para ocorrer neste meio. O Dancehall é uma dança que surgiu nas ruas da Jamaica¹¹ e conta com movimentações de peitoral, quadris e pernas. A cada aula, o professor e dançarino Nicholas do Amaral trazia uma coreografia criada com diferentes combinações de passos e buscava sempre contextualizar a origem de cada um deles, exemplificando as variações existentes e acrescentando referências desta dança externas à aula. Didática de dar sede de saber mais. Como contávamos com movimentações específicas em contagens rápidas e partes do corpo trabalhando isoladamente em conjunto, as *interferências* de sons e imagens se tornavam muito mais evidentes e abriam lacunas nos processos de internalização da coreografia. Muitas vezes a frustração por telas travando e quedas na conexão era compartilhada entre a turma e o professor.

Conexões fracas geram interferências nas ligações e videochamadas, atraso no envio e recepção de mensagens. O que parecia gerar cada vez mais possibilidades de interação, conexão e expansão de redes quando estávamos na rua se mostra como um dos maiores empecilhos nas redes criadas virtualmente. Como utilizar as interferências a nosso favor também quando estamos *online*? No espaço virtual, o mais comum é que os corpos sejam capturados por um quadrado de câmera e apenas dorsos e faces sejam vistos. Como esses corpos artísticos sentem-se dos quadrados pra dentro? Reprimidos? Envergonhados por não estarem rodeados por aqueles que consigo compartilham a intersecção artística? Onde os corpos cabem nesse espaço? Será que hoje, há 1 ano em

¹⁰ Sobre este acontecimento em específico, visitar: REIS, Luísa. Isso não é um teatro: a rua como espaço de ensino-aprendizagem da e para a juventude. X Seminário Internacional **As Redes Educativas e as Tecnologias**. Rio de Janeiro, de 01 a 04 de julho de 2019.

¹¹ http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/programe-se/2016/07/29/noticia_programese,157065/conheca-o-dancehall-estilo-de-danca-vindo-da-jamaica.shtml

isolamento, os corpos desses jovens quarentenados encontram-se por inteiro dentro de suas casas? Eles encontram espaços para se esparramar, sonorizar, espreguiçar, ser?

Entendendo a mente não como parte, mas como o próprio corpo (NÓBREGA, 2005) conseguimos compreender que aquilo que usualmente dizemos que *afeta a mente* tem reação direta no corpo. A fala do desconforto de estar em casa é frequente nas trocas com nosso grupo de amigos, sendo a maioria deles do Nômade, mas não apenas. Trarei um momento que eu, Ingrid, vivi, durante uma aula de teatro online. Estava na casa da minha companheira, artista circense que já teve um breve contato com o teatro antes e participávamos juntas. No início da aula a professora, Lorrana Mousinho - também coordenadora do Projeto Teatro Nômade - nos conduziu para um exercício de respiração profunda e em um determinado momento nos estimulou para que deixássemos sair sons acompanhados da expiração. Ao final, minha companheira comentou: “foi a primeira vez desses dias todos que eu me permiti sonorizar em casa, porque estava acompanhada de outra pessoa, também fazendo sons”.

Estar acompanhado por outra pessoa no mesmo espaço é necessariamente se sentir afetado pela presença, assim como a ausência pode gerar inseguranças, principalmente quando estamos envolvidos apenas por pessoas que fazem nos sentir calcados. O isolamento tem nos obrigado passar mais tempo com nossas famílias, o que tem desgastado a relação e como a maioria de nós - e aqui falamos exclusivamente dos artistas mais próximos - não mora com outras pessoas acostumadas aos exercícios cênicos, o desconforto é potencializado pelo desconhecimento. Além disso, o estado de presença se dissipa na troca pela tela, a presença está do outro lado da câmera, outras pessoas afetam ali o espaço por trás das máquinas tecnológicas. Podemos pensar que o estado de presença, se sentir presente, em primeiro momento seja algo *do campo mental*, mas se algo que afeta a mente tem uma resposta imediata no corpo, como dissemos acima, então devemos concordar que a mente é o próprio corpo. Na situação que trouxemos são perceptíveis duas coisas: a presença de um corpo conhecido e familiarizado com os exercícios cênicos quebra o estado de inibição e transforma as

potências intensificadoras em um acontecimento¹², e, em segundo lugar, o estado de presença é afetado por essa companhia.

*Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima*¹³

Encontramos a esperança nas flores que nascem na rua¹⁴, nas brechas e nos encontros, e vamos agora caminhar para a conclusão do artigo trazendo experiências vividas em meio ao isolamento, à saudade, à nostalgia e à sensação de impotência frente ao negacionismo. Começemos por uma aula que uma das autoras vivenciou durante a escrita deste artigo. A autora, ex-estudante do Colégio Pedro II, começou a fazer aulas de dança contemporânea online no início deste ano de 2021, com a professora Nathalia Amata, que fora uma colega de escola. Esta pediu ao longo da semana que todas as alunas enviassem músicas para a construção da *playlist* que tocaria durante as aulas. Esta ação, além de ter por trás uma didática freireana que busca inserir as individualidades dos alunos para construir a aula, reforçando assim a ideia de educador-educando (FREIRE, 1987), ela busca aproximações, tanto entre a turma como um todo, já que ao trazer uma música que você gostaria de dançar ou simplesmente uma música do seu dia a dia, um gosto seu, coloca-se ali uma parte de si, permitindo assim que as pessoas te conheçam um pouco melhor, quanto uma aproximação pessoal para conectar-se ao momento presente da aula, pois trazer uma música conhecida e familiar aos seus ouvidos pode gerar um sentimento parecido com o de se estar com outro corpo conhecido e familiar. A sensação das diferentes situações é incomparável, o sentimento não é o mesmo, mas neste momento talvez seja uma das tantas maneiras possíveis de conseguirmos acessar pessoas e o estado de presença na aula.

Na seguinte semana ao início do decreto da quarentena, nós, do Projeto Teatro Nômade começamos a fazer aulas semanais aos domingos, as chamadas Aulas Nômades Virtuais, convidando professores de fora do coletivo numa tentativa de seguir cultivando os afetos. As aulas eram, em sua maioria, apresentações e introduções teóricas acerca de diversos temas permeadores do teatro, acessando estudos desde o

¹² Entendendo o acontecimento a partir das conceituações do texto *Corpo, conceituações e exemplificações com Spinoza* de Paola Zordan.

¹³ VANZOLINI, Paulo. Volta por cima. São Paulo, 1963.

¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. A Flor e a Náusea. Rio de Janeiro, 1945.

direito à ocupação do espaço urbano até percepções dos gestos sob a perspectiva da psicanálise. Devemos admitir que o processo emocional ao longo dos encontros neste período pandêmico não tem sido linear, alguns dias nós e nossos amigos não tínhamos forças sequer para comparecer às aulas, muitas vezes a saudade batia tão forte que ouvir as vozes tornava insustentável o sentir dentro de nós, mas muitos dias também eram essas mesmas vozes que traziam acalento, que nos davam forças para prosseguir e ter esperança no futuro que sempre é incerto. Ainda, essas insustentabilidades eventuais trazem, também, algumas compreensões da não-linearidade dos processos como fundamental para o exercício da vivência do mundo a partir de perspectivas decoloniais, pois

Vamos em bando, as sabenças das margens falam de muitas formas sobre como a violência aqui perpetrada há séculos impede a vivência dos ciclos em que vida e morte são dimensões da natureza e da conexão com o todo. Um mundo obcecado pela linearidade e pelo desenvolvimento que explora a natureza como mero recurso e enxerga na métrica do ser humano a semelhança com o divino está fadado a se perder na circularidade da existência. (RUFINO e SIMAS, p.10)

Após meses de Aulas Nômades Virtuais, em fevereiro de 2021 o Nômade abriu duas turmas de aulas de teatro *online* para crianças e jovens, contemplado pela Lei Aldir Blanc¹⁵ de auxílio emergencial à cultura. No ambiente do audiovisual, muitas vezes nos deparamos com o questionamento: como alcançar o estado de disponibilidade para o jogo teatral (CARREIRA, 2001) em sala virtual? Aceitando que o que estamos fazendo está no campo das experimentações, nos entregamos à proposta. Ambas as autoras estão atuando como professoras-alunas, dando aula em conjunto com as professoras Lorrana Mousinho e Luísa Reis, nesse grande mar de ensinar-aprender. A turma da primeira é direcionada para estudantes do Ensino Fundamental II, dos 9 aos 14 anos de idade, e nos vemos frequentemente surpresas com a integração crescente das alunas e alunos. Após o primeiro dia de aulas, a vontade e iniciativa de criar grupos virtuais entre si para se conhecerem foram postas e, caminhando para o terceiro mês de encontros da turma, é perceptível certas adaptações dos corpos ao uso das ferramentas tecnológicas, o que nos leva à um afinal:

O corpo reúne partículas heterogêneas, multiplicidades moleculares que produzem consolidações não permanentes, sempre em vias de se fazer com

¹⁵ Lei Federal 14.017/2020

forças e formas ainda incertas matérias que nunca se encontram prontas.
(ZORDAN, p. 176-177)

Na semana anterior ao fechamento deste artigo, uma aluna da turma de jovens do Ensino Médio, atualmente ministrada por Luísa Reis e Ingrid Peixoto, trouxe a reflexão de que ao longo dos primeiros meses da pandemia, o ambiente virtual era considerado o espaço da *ausência de presença* para muitos. E afirmou, no entanto, que vem percebendo uma nova certeza ao experimentar e vivenciar tal espaço ao longo da pandemia: a de que estar *online* é uma outra *forma de presença*. Talvez não nos caiba a dor da saudade para além da vontade de viver mais, de abraçar e nutrir as potencialidades que o aparato tecnológico nos traz na insegurança do encontro corpo a corpo. Enquanto não clareia, seguimos agradecendo, do fundo do nosso quintal, os carinhos e a certeza de que nos encontraremos outra vez, cantando a alegria de não estarmos sós¹⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO, Alexandre; GARCÍA, Camila. *Semeando ideias: juventude e teatro em um assentamento cearense*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Vol. 17 N. 110, jan./jun. 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2016v17n110p52>>. acesso em 29 Mar. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª edição, 2016.

BRITO, Marcelo Souza. *O lugar que há em nós ou o corpo-lugar que somos nós*. Revista do Lume (online Revista Ilinx), n. 12, p.12-22, abr. 2018. Disponível em <<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/532>> Acesso em 28 Mar. 2021.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 2, p. 337-350,

¹⁶ CRUZ, Jorge; SOUZA, Alberto. *Do fundo do nosso quintal*. Rio de Janeiro: Chappell Edições Musicais Ltda., 1999.

- Maio/Ago. 2009. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000200010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 30 Mar. 2021.
- BROOK, Peter. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. Tradução de Antônio Mercado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARREIRA, André Luiz Antunes Netto. *Teatro de rua como apropriação da silhueta urbana: hibridismo e jogo no espaço inóspito*. Trans/Form/Ação, Marília, v. 24, n. 1, p. 143-152, 2001. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 30 Mar. 2021.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Dez. 2003. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 30 Mar. 2021._
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 51ª edição, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 17ª edição. 1987
- NÓBREGA, Terezinha, Petrúcia. *Qual o lugar do corpo na educação: Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005. Disponível em
<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000200015&script=sci_abstract&tlng=pt> acesso em 04 Abr. 2021
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. *Encantamento (sobre política de vida)*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- PELLEGRINI, Raphael; SUSSEKIND, Maria Luiza. *Os ventos do norte não movem moinhos....*. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 143-162.

ZORDAN, Paola. *Corpo: conceituações e exemplificações com Spinoza*. In:
ANDRADE, Pereira, Marcelo. *Performance e Educação: desterritorializações
pedagógicas*. Santa Maria, 2013. p 175-189.